

CHICO BUARQUE

Por Pedro Paulo Malta

1944 – Em 19 de junho, às 11h35, nasce na Maternidade São Sebastião, no bairro do Catete, Rio de Janeiro, o menino Francisco Buarque de Hollanda. É o quarto dos sete filhos do historiador, escritor e professor universitário Sérgio Buarque de Holanda e de Maria Amélia Alvim Buarque de Holanda, que já eram pais de Heloísa Maria (a Miúcha, de 1937), Sérgio (Sergito, de 1940) e Álvaro Augusto (1942), e ainda veriam nascer Maria do Carmo (a Piii, de 1946), Anna Maria (a Baía, de 1948) e Maria Christina (de 1950). Sérgio e Maria Amélia eram casados desde 1936, mesmo ano em que ele publicou o livro *Raízes do Brasil*, primeiro e principal clássico de sua obra, pela José Olympio Editora.

Nos tempos de solteiro, Sérgio trabalhou como jornalista, embora tenha estudado Direito na Faculdade da Rua do Catete. Dos tempos de universitário ficaram grandes amizades como as de Rodrigo de Mello Franco Andrade, Prudente de Moraes Neto e Affonso Arinos Mello Franco. Com estes e outros intelectuais – como Graça Aranha, Di Cavalcanti e Manuel Bandeira – se encontrava em bares (como o Lamas, o Nacional e o Brahma) ou em sua casa, onde costumava hospedar os amigos paulistas Mário e Oswald de Andrade, quando vinham ao Rio. A ligação com os modernistas fez com que Sérgio fosse nomeado representante da revista Klaxon no Distrito Federal, onde já atuava como jornalista em Rio-Jornal, Ideia Ilustrada e O



Jornal. Como colaborador deste último veículo, foi enviado por Assis Chateaubriand à Alemanha, onde viveu entre 1929 e 30, período em que também colaborou com uma revista local (Duco) e escreveu legendas para filmes (entre eles, *O Anjo Azul*). Na volta ao Brasil, atuou como colaborador de agências de notícias como a United e a Associated Press. Do relacionamento com a namorada Anne Margerithe Ernst nasceu Sérgio George

Ernst, primeiro filho do historiador, com quem acabaria perdendo contato (após algumas décadas, Chico tentou localizar o irmão alemão, mas sem sucesso).

O mesmo ano de 1936 teve outra “estreia” importante para Sérgio, além do casamento e do primeiro livro. Foi neste ano que começou a vida de docente, na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade do Distrito Federal, como professor-assistente nas matérias História Moderna e Econômica e Literatura Comparada. Paralelamente ao quadro negro, o “professor Sérgio” seguiria com a carreira de escritor, publicando alguns títulos fundamentais para a História e para a Sociologia, como *Expansão Paulista em Fins do Século XVI e Princípio do Século XVII* (1948), *Caminhos e Fronteiras* (1957), *Visão do Paraíso* (1958) e *Elementos Básicos da Nacionalidade, o Homem* (1967). No futuro, amigos e companheiros de trabalho diriam que a carreira de escritor e professor não teria sido tão bem-sucedida se não fosse o apoio de Maria Amélia. “Ele deve tudo a ela”, diz o acadêmico Antonio Cândido, em depoimento no documentário *Raízes do Brasil* (Nelson Pereira dos Santos, 2004). “A coisa mais inteligente que o Sérgio fez foi casar com a Maria Amélia”, completa o compositor-cientista Paulo Vanzolini.

Quando Chico nasceu, a família morava num apartamento na Rua Ronald de Carvalho, esquina com a Avenida Atlântica, no trecho de Copacabana conhecido como Lido. No primeiro passeio, em 1º de julho, saiu de casa para ser batizado na Igreja de Nossa Senhora da Glória, no Largo do Machado, tendo como padrinhos os tios maternos Sílvia e Francisco Jorge de Carvalho Cesário Alvim. No livro *Buarque, uma Família Brasileira*, o autor Bartolomeu Buarque de Holanda conta que o sobrenome de Chico nasceu com o “avô pernambucano”, Cristóvão Paes Barreto de Hollanda Cavalcanti Buarque de Gusmão, que por conta própria decidiu reduzir a feira de sobrenomes a “Buarque de Hollanda”. A grafia do sobrenome, no entanto, seria alterada entre gerações: o Holanda de Sérgio tem um “L” só, assim como o de alguns filhos (caso de Christina). Já Chico (assim como Anna Maria) ficou sendo Buarque de Hollanda.

1945 – Segundo o *Livro do Bebê*, Chico dá os primeiros passos em julho e, em setembro, “já anda com desembaraço”. Num texto escrito sobre o filho em 1967/68 (publicado na Folha de S.Paulo em 1991), Sérgio Buarque de Holanda conta que Chico, “em vez de começar a falar, cantou. Desde que tentou se expressar foi através de música”. O ambiente familiar desde sempre foi musical: Maria Amélia tocava piano, tendo estudado na infância para ser concertista. Já o marido, embora menos prendado no instrumento (“tocava um piano quadrado”, segundo Chico), também era da música: fez uma valsa aos 9 anos, *Vitória-Régia*, publicada na revista Tico-Tico. Sobrinho do antigo compositor do teatro de revista Luiz Moreira (1872-1920), Sérgio tinha entre suas preferências musicais os sambas antigos e a música italiana. No repertório que gostava de cantar em casa estavam uma versão em alemão do tango *Adiós Muchachos*, a marchinha *Sassaricando* em latim e o charleston *Yes Sir, That’s My Baby*. Nas farras, também gostava de dançar charleston, trocando as mãos nos joelhos (também curtiu o *twist* quando entrou em moda). “Ele tinha uma admiração muito grande pela cultura popular brasileira, uma coisa que faz parte do pensamento modernista”, diz Chico sobre o pai, numa entrevista à Folha de S.Paulo, em 5 de julho de 1992.

1946 – A família Buarque de Hollanda se muda para São Paulo, onde vive até fins de 1952 numa casa na Rua Haddock Lobo. No Rio desde 1921, Sérgio voltava para a terra natal na condição de diretor do Museu Paulista, no Ipiranga. Dali a dois anos, trabalharia também como professor de História Social e História Econômica do Brasil na Escola de Sociologia e Política. Enquanto estava em casa, o patriarca não saía de seu escritório, onde vivia cercado de livros por todos os lados e escrevia incansavelmente (“Sérgio quando escrevia ficava possuído, parecia uma febre”, dizia Maria Amélia). Os filhos não podiam fazer barulho nem entravam no escritório (à exceção de Baía,

a queridinha do pai), mas a porta ficava sempre aberta, para que ele não perdesse as fofocas e acompanhasse o movimento da casa. “Na verdade, quando eu era criança não sabia o que meu pai fazia”, conta Chico, na entrevista à Folha. “Só sei que ele trabalhava de janelas fechadas e porta aberta.”

“Minha mãe é que sempre se ocupava das coisas práticas. Embora alegre, baixinha, com jeito de irmã caçula da gente, era ela quem tomava providências, pingando um pouco de realismo no lado romântico do meu pai. Acho que conseguiu uma boa mistura. Muito católica, fez questão de criar os filhos com todos os requisitos: primeira comunhão, crisma, colégio de padre. Então a minha formação é toda católica apostólica romana”, conta o compositor em *Chico Buarque, Anotações com Arte*. A paixão de Chico pelo Fluminense foi outra herança da mãe, que gostava de acompanhar as notícias do Tricolor e sabia de cor o time tricampeão de 1919: Marcos, Vidal, Chico Netto, Laís, Oswaldo, Fortes, Mano, Zezé, Welfare, Machado e Bachi.

1949 – “Com cinco anos, eu era moleque de rua, jogava pelada”, conta Chico Buarque em depoimento precocemente prestado ao Museu da Imagem e do Som (MIS), em 11 de novembro de 1966, quando questionado sobre a autenticidade de suas composições sociais, já que era um filho da classe média. “Atrás de casa tinha um circo, ia pro circo, era um moleque, como outro qualquer, não vivia fechado em nada. Meus pais nunca me fecharam em casa. Desde moleque eu tinha uma vida que era povo.” Quando questionado sobre o fato de nunca ter visto uma banda (tema de seu primeiro sucesso, *A Banda*), contou que havia uma bandinha no circo vizinho de sua casa e que viu banda em Cataguases/MG, onde morou em 1959, e em Londres, na troca da guarda do Palácio de Buckingham. Foi deste circo vizinho que, certa vez, um elefante escapou e invadiu o quintal de casa, em São Paulo. Um dos filhos entrou esbaforido – “Um elefante no nosso quintal! Um elefante!” – e ouviu de Sérgio Buarque de Holanda, que sequer tirou os olhos do papel em que escrevia, a resposta de sempre: “Ah, pede a sua mãe para resolver”.

“Em São Paulo, onde passei toda a minha infância, jogava bola na rua mesmo, de parar quando vinha carro”, contou Chico Buarque numa das crônicas publicadas em 1998, no Globo e no Estado de S.Paulo, na época da Copa do Mundo da França. “É claro que vinha carro muito de vez em quando. Hoje isso seria impossível. A rua em que eu jogava é movimentadíssima, cheia de restaurantes, a Haddock Lobo. E era assim: quando vinha um carro lá em cima o pessoal gritava: ‘Olha a morte!’. Parava o jogo, passava a morte e continuava depois.” A pelada seria um passatempo que Chico levaria pela vida inteira, com visitas a campos de várzea do mundo inteiro, por onde passasse para fazer show: Portugal, Itália, França, Angola, Cuba, Argentina... Em agosto de 1978, aproveitou as luvas que a gravadora Ariola lhe havia pago pelo contrato recém-assinado e comprou um terreno no Recreio dos Bandeirantes, Rio de Janeiro, que batizou de Centro Recreativo Vinicius de Moraes. Sede do Politeama, até hoje o campinho é religiosamente frequentado pelo anfitrião e seus amigos, nas segundas, quintas e sábados. Chico sempre joga com a 9, mesma camisa de seu ídolo de infância, Pagão, parceiro de Pelé na linha de frente do Santos.

1950 – Levado por D. Maria Amélia, Chico vai ao recém-inaugurado Estádio Municipal (Pacaembu) e assiste ao empate do Brasil com a Suíça, por 2 x 2, pela Copa do Mundo. Dali a poucos dias, em 16 de julho, o Brasil perderia a final da competição em pleno Maracanã, para o Uruguai, por 2 x 1. Chico ouviu o jogo pelo rádio e temeu pela segurança de quem estava no estádio na hora do primeiro gol, marcado por Friaça, quando o *speaker* falou: “O Maracanã vai abaixo!”. Numa das idas ao Pacaembu, se encanta com o futebol de Canhoto, ponta-esquerda do São Paulo, que entraria para sempre em sua galeria de craques e seria um dos homenageados no samba *O Futebol* (1989), numa linha de passe imaginária com Garrincha, Didi, Pelé.

1951 – No início do ano, é matriculado no Externato Nossa Senhora de Lourdes, sua primeira escola. Em 8 de setembro, faz a primeira comunhão na Capela de São Domingos. São deste tempo da Haddock Lobo as primeiras lembranças musicais mencionadas por Chico no depoimento ao Museu da Imagem e do Som (MIS): “Fora as cantigas de roda e aquelas coisas de São João, eu lembro bem de ter ouvido coisas de Noel Rosa, de Ataulfo Alves... Principalmente Noel, acho que é porque os meus pais gostam muito de Noel”, contava o iniciante Chico.

Desde pequenos, os filhos de Sérgio e Maria Amélia se acostumaram às reuniões de bate-papo e cantoria que os pais faziam em casa, muitas vezes capitaneadas pelo poeta Vinicius de Moraes, que “quando chegava, era uma festa”, como conta Miúcha. A meninada não podia participar, mas quase sempre ficava até altas horas tentando ouvir a música que vinha da sala de visitas. Vinicius ainda não era o letrista de *Orfeu da Conceição* (1956) e *Chega de Saudade*, mas já era sinônimo de música para as crianças da família Buarque de Hollanda. Nas visitas ao amigo Sérgio, acompanhava-se no violão enquanto cantava Luar do Sertão, Ismael Silva, Ataulfo Alves... Durante o dia, a meninada fazia sua própria cantoria, muitas vezes em operetas que Chico criava na hora para contracenar com as irmãs. Numa dessas operetas, Baía se lembra de ter sido uma princesinha oprimida por “um rei muito mandão”.

Dos cômodos da casa da Rua Haddock Lobo, um dos mais frequentados era o quarto da empregada, onde Chico e seus irmãos se juntavam para ouvir música no radinho da Babá (único aparelho que emitia som na casa dos Buarque de Hollanda, já que o piano de Maria Amélia vivia fechado). “Era no quarto dela, lá atrás, que a gente ouvia música”, conta Miúcha, em depoimento a Regina Zappa (no livro *Chico Buarque para Todos*). “A gente apostava para ver quem sabia mais música de carnaval. Eu, Chico, as meninas também, os meninos um pouco. Na verdade, era Chico e eu. E quem fosse atrás de um ou de outro”, conta a primogênita, antes de revelar a paixão que o irmão tinha pela cantora Linda Batista. Certa vez, ele acompanhava a mãe nas Lojas Americanas da Rua Gonçalves Dias (Centro do Rio), quando topou com sua “deusa” e ganhou de presente um beijo.

1953 – Sérgio se licencia do Museu Paulista para assumir a cadeira de Estudos Brasileiros da Universidade de Roma, na Itália. A família Buarque de Hollanda se muda para a capital da bota, para um apartamento na Via San Marino, no bairro Nomentano. Despede-se da avó paterna com um bilhete pitoresco, escrito numa folha de caderno: “Vovó Heloísa. Olhe vózinha, não se esqueça de mim. Se quando eu chegar aqui e você já estiver no céu, lá mesmo veja eu ser um cantor do rádio. Francisco”. Estava enganado: na volta da Itália, os netos ainda encontrariam vó Heloísa, que só partiria para ouvir rádio no céu em 1957.

Matriculado na Notre Dame International School, tem cotidiano trilingue em Roma: português em casa, italiano na rua e inglês no colégio (onde era chamado de “Francesco” pelos colegas). Servindo na embaixada brasileira em Paris, Vinicius ia visitar o amigo Sérgio com frequência na residência dos Buarque de Hollanda em Roma, como escreveu no prefácio da edição de *Roda Viva*: “Em sua casa, até altas horas, ficávamos, seu pai e eu, tomando grapa, a cachaça italiana, e cantando coisas ao violão. Houve uma madrugada em que me pareceu ter visto as perninhas do sem-vergonha lá no topo da escada, quietinho, escutando”.

No livro *Chico Buarque, Letra e Música*, Humberto Werneck conta que a primeira estada italiana de Chico é marcada por algumas criações de nosso personagem, como marchinhas de carnaval despreziosas, “filmes” desenhados em rolos de papel (com jornal, trailer e tudo) e gibis de banguê-banguê (intitulados *Chico Mirim*), cujos personagens tinham nomes estrangeiros. As marchinhas foram esquecidas com o tempo,

e os filmes e gibis se perderam com uma das malas que foi extraviada na volta da família ao Brasil.

1955 – De volta a São Paulo, onde Sérgio reassume a direção do Museu Paulista, a família Buarque de Hollanda vai morar na Rua Henrique Schaumann, em Pinheiros. Neste ano, Chico volta ao Externato Nossa Senhora de Lourdes, sendo transferido no ano seguinte (1956) para o Colégio Santa Cruz (fundado em 1952 por padres canadenses), onde completaria a vida colegial.

Nos momentos de dúvida na hora do dever de casa, ele e os irmãos recorriam ao “professor particular” Sérgio: “Eu ia lá e perguntava. E ele me indicava isso, aquilo... A gente conversava, mas engraçado, nunca sobre História, que era a especialidade dele”, conta Chico, na entrevista à Folha. “E quando a gente perguntava alguma coisa sobre História era em função de trabalhos de escola. Mas ele era um péssimo professor pra gente, porque a gente precisava saber aquela coisa que se dava na escola. Ele entrava nos detalhes e se empolgava, entrava a fundo na matéria, de uma forma que pra gente não servia.”

No 18º aniversário de Miúcha (30 de novembro), Chico presenteia a irmã com o 78 rotações de *Teresa da Praia* (Tom Jobim e Billy Blanco), cantado por Dick Farney e Lúcio Alves, mas “nem sabia quem era Tom Jobim”, como escreve Fred Rossi em *Chico Buarque, Anotações com Arte*. Primogênita dos sete filhos de Sérgio e Maria Amélia, Miúcha foi personagem decisiva para a iniciação musical de Chico: foi no instrumento dela – um violão chamado Vinicius, em homenagem ao amigo festeiro da família – que aprendeu com ela as primeiras posições (os irmãos também se reuniam em torno do “Catupiry”, violão de madeira avermelhada que pertencia a Baía). E com Miúcha nosso personagem pegaria dinheiro emprestado, já no começo dos anos 60, para comprar os primeiros LPs de João Gilberto. Ele contaria numa entrevista de divulgação do CD *Chico* (2011) que, antes de João, “o que eu gostava mesmo era de música americana. Perto de casa tinha um clube de jazz e eu queria ser baterista. A música americana é fundamental na minha formação musical”.

É Miúcha quem esmiúça o tema num belo texto escrito para a exposição *Chico Buarque, o Tempo e o Artista* (Biblioteca Nacional, 2004), contando que os irmãos se reuniam em torno da vitrola Telefunken Hi Fi (presente de Tia Cecília, irmã de Sérgio) para ouvir sucessos estrangeiros como Elvis Presley, The Platters, Jacques Brel e os Everly Brothers, com os quais aprenderam a “fazer vozes”. No mesmo texto, destaca o canadense Paul Anka como um dos preferidos de nosso personagem: “Chico era um perfeito Paul Anka – a gente ainda não conhecia a cara de Paul Anka, só a voz, mas ninguém poderia ter mais cara daquela voz do que o Chico, com o olho faiscando na cara vermelha, a veia saltada no pescoço, a interpretação arrebatada”. A primogênita ainda conta outros detalhes das primeiras cantorias do futuro compositor: “Dos três irmãos era o único que gostava de cantar. Sérgio e Álvaro ficavam por ali, mas quem cantava mesmo era o Chico, a Piii, a Baía, a Christina, eu e o meu violão. O caramanchão meio afundado pelo peso das *bougainvilleas* era a nossa Broadway. Cantávamos para a rua, bem alto, desejando que cada carro parasse para ouvir, tão encantados pela música como a gente. Às vezes, um carro parava mesmo, geralmente um casal de namorados trocando carinhos no escuro, e isso era a glória máxima”.

1957 – Sérgio assume a cátedra de História da Civilização Brasileira, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP). A família se muda pela última vez em São Paulo, indo morar na Rua Buri, num chalé normando, na vizinhança do estádio do Pacaembu.

É por esta época, no início da adolescência, que Chico começa a se aproximar do pai e

a entrar no território sagrado que era seu escritório. “A minha tentativa de aproximação com meu pai foi através da literatura. Ele vivia fechado na biblioteca e eu, que tinha medo de penetrar naquele território, comecei a ler algumas coisas. Ele me indicava desde clássicos, como Flaubert, até Céline, Camus e Sartre. Li, ainda em francês, Kafka, Dostoiévski, Tolstói e uma boa dose de literatura russa”, conta o compositor em *Chico Buarque, Anotações com Arte*. “Eu me lembro de, lá pelos 18 anos, ir para a Faculdade de Arquitetura com esses livros em francês, o que era uma atitude um pouquinho esnobe. Eu tinha amigos com quem falava e discutia literatura em francês. Era uma atitude um pouco exibicionista, até que um colega me deu uma debochada: ‘Você só vem com esses livros pra cá. Por que não lê literatura brasileira?’. Eu respondi: ‘Você tem razão.’” Certa vez, levou pito de um professor por desfilar na escola com uma primeira edição de *Macunaima* (Mário de Andrade), que pegou da biblioteca de Sérgio.

Em outra ocasião, contou para o pai que estava lendo *Raízes do Brasil* e ouviu dele a recomendação para que lesse *Visão do Paraíso*, “que é muito melhor”. Quando começou a escrever os primeiros textos na escola, mostrava a Sérgio para que criticasse. “Eu entregava e saía. Depois eu voltava e ele dizia: “gostei disso, gostei daquilo, você tem que ler mais”, conta Chico, na entrevista à Folha de S.Paulo. “Meu pai lia tudo, inclusive histórias em quadrinhos. Ele gostava de Luluzinha.”

1958 – Ano de lançamento do samba-choro *Chega de Saudade* (Tom Jobim e Vinicius de Moraes), em gravações de Elizeth Cardoso e João Gilberto. Chico é um dos tantos futuros compositores brasileiros que seriam impactados pela gravação de João, definida por ele como um divisor de águas em sua relação com a música. Até então, era uma brincadeira em família ou com amigos – como Oliver Jolles, com quem fazia músicas “meio Ataulfo Alves”, como disse ao MIS no depoimento de 1966. A partir dali, com o aprendizado da batida do violão e o interesse por aquele novo samba estilizado, passaria a fazer música pra valer, compondo seus primeiros esboços.

1959 – Chico tem 15 anos quando faz sua primeira composição, *Canção dos Olhos*. “Essa eu tocava nas rodinhas e fazia muito sucesso, porque eu sabia fazer a batida da bossa nova e naquele tempo era novidade. Então tocava nas rodinhas e fui fazendo outros sambinhas, até que comecei a cantar em showzinhos do colégio. Ainda era no Santa Cruz, eu tinha uns 16, 17 anos”, contou Chico no depoimento ao MIS. No livro *Chico Buarque, Letra e Música*, Humberto Werneck informa que esses showzinhos, realizados em 1961, foram as primeiras apresentações de Chico em público. *Canção dos Olhos* estaria completamente esquecida se não fosse a memória de Miúcha, que guardou quatro versos: “Meu Deus, o que será que tem / Nesses olhos teus / O que será que tem / Pra me seduzir?”. Outro sucesso colegial de Chico era *Anjinho de Papel*: “O meu livro de catecismo / Lembro-me hoje ainda / Mostrava um anjo no céu / E eu, puro sentimentalismo / Guardei uma anjinha linda / Desenhada num papel”.

Preocupada com o envolvimento de Chico, e mais 15 colegas, no movimento dos Ultramontanos (embrião da organização fascista Tradição, Família e Propriedade, a TFP), D. Maria Amélia manda Chico para um internato em Cataguases (MG), onde passa seis meses neste ano de 1959. Os meninos do Santa Cruz eram aliciados para o movimento religioso por um professor de História Geral, que agia sem o aval da escola. De repente, passaram a comungar freneticamente e chegaram a renunciar ao futebol. Com a temporada no interior de Minas, nosso personagem se curou e pôde voltar à vida cotidiana e ao Colégio Santa Cruz. Bem mais edificante nesta época seria a ligação de Chico com outra iniciativa religiosa, a Organização do Auxílio Fraternal, com a qual fazia expedições na madrugada paulistana por locais como a Estação da Luz, distribuindo cobertores para os moradores de rua. “É muito importante um cara de 16 anos, de uma escola de elite, tomar contato com a miséria”, avalia nosso personagem em *Chico Buarque, Letra e Música*. “Nunca fui garoto rico, mas as minhas relações eram

dentro desse ambiente, com uma garotada cujo futuro era correr pra ganhar dinheiro de qualquer maneira ou pra gastar dinheiro.”

1961 – Em fins de dezembro, aparece no jornal pela primeira vez – mas nas páginas policiais. “Pivetes furtaram um carro: presos”, dizia a Última Hora de 29 de dezembro, com retrato de Chico e do amigo Oliver Jolles, ambos menores e com os olhos cobertos por tarjas. Ele era ainda “o menor F.B.H.”, de 17 anos, quando se deu mal na brincadeira da época: “puxava” carros com amigos para dar voltas pelas ruas de São Paulo, quando foi pego pela polícia. Apanhou no camburão, passou uma noite no Juizado de Menores, foi resgatado por Miúcha (os pais estavam viajando) e ficou proibido de sair de casa após 21h até completar 18 anos, em 19 de junho de 1962. “Me lembro de ter passado o carnaval de 62 dentro de casa, puto da vida”, conta no livro *Chico Buarque, Anotações com Arte*.

1962 – No fim do ano, forma-se no curso Científico do Colégio Santa Cruz, sendo o orador da turma na formatura. “Preferiu fazer o Científico porque achava que o Clássico era coisa de mulher”, escreveu Sérgio, sobre Chico. Entre os amigos, era o Carioca (apelido que levaria para sempre na roda de amigos paulistanos) e já era reconhecido como bom escritor, pelas crônicas que publicava desde o ano anterior em *O Verbâmidas*, jornalzinho do Colégio Santa Cruz que ajuda a criar com colegas e do qual é o diretor responsável.

1963 – Entra para a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (a FAU), opção feita por exclusão. “Não queria ser advogado, médico, engenheiro...”, diria numa entrevista à Folha de S.Paulo. Nunca se convenceu de que poderia ser arquiteto, mas a arquitetura tinha alguma relação com o urbanismo. Nosso personagem tinha imenso prazer em criar cidades, imaginar como viveriam os habitantes, que língua falariam, como se organizariam no território. Embora a faculdade tenha durado somente três anos para Chico, o passatempo de desenhar cidades ele levaria além dos tempos de garoto e voltaria à tona com o CD *As Cidades* (1998), em cujo encarte apareciam esboços de mapas desenhados por Chico. As lembranças guardadas dos tempos de FAU são muito mais musicais do que propriamente ligadas ao que se esperava que nosso personagem estudasse. Isso porque a maior parte do tempo Chico passava na companhia de amigos como Vallandro Keating (hoje arquiteto), com quem compôs alguns sambas entre 1963 e 64. “Anos que nós dois dedicamos a não estudar arquitetura. Ele era o Malandro e eu era o Carioca”, conta nosso personagem em *Chico Buarque, Anotações com Arte*. “Fazíamos bossa nova nos porões da FAU. Ele de violão e eu de letrista. Lembro que ele usava umas calças sem bolso e, como homem não podia andar de bolsa, vivia cheio de papéis nas mãos.”

A roda de samba do porão do prédio (“um forrobodó etílico-político-musical, movido a cachaça Pitu”, segundo Humberto Werneck) era conhecido por todos como Sambafo. Com ele, Vallandro, Maranhão (compositor do frevo *Gabriela*, concorrente do festival da Record em 1967) e convidados como João do Vale, Taiguara e Toquinho, a farra era embalada com repertório eclético, que podia ter desde roquinhos de sátira até a Jovem Guarda, interpretados pelo dueto Os Jipes, numa paródia de Chico e Toquinho ao grupo de iê-iê-iê Os Vips. Outra casa da boemia paulistana disputava o tempo de Chico: era o concorrido Juão Sebastião Bar, um dos principais redutos da bossa nova em São Paulo. Neste botequim – que ele frequentava desde os tempos de menor, como “irmão da Miúcha” – ele iria conhecer, em 1965, o futuro parceiro Gilberto Gil, recém-chegado de Salvador a São Paulo, onde procurava emprego como administrador de empresas. Além do Sambafo e do Juão Sebastião Bar, outro “botequim” querido do Chico universitário era a Quitanda, uma loja de verduras vizinha à FAU, que à noite vendia bebidas das mais diversas, entre elas uma bizarra batida de agrião.

1964 – Chico está no segundo ano da FAU, quando, em 1º de abril, um golpe de estado depõe João Goulart da Presidência da República, e a democracia no Brasil dá vez ao regime militar, iniciando um período em que o país seria governado por cinco generais-ditadores (de Castello Branco a João Figueiredo). Entre as primeiras medidas do governo militar está o Ato Institucional Número 1 (AI-1), que suspende por dez anos os direitos políticos de todos aqueles contrários ao regime.

Em 16 de novembro, Chico é uma das atrações amadoras (ao lado de Toquinho, Taiguara e outros) da primeira parte do show *Mens Sana in Corpore Samba*, produzido por Walter Silva para os formandos da Escola de Educação Física da USP. Na segunda parte do show (realizado para levantar fundos para a formatura dos alunos), as atrações eram Sylvia Telles, Oscar Castro Neves e o conjunto de Roberto Menescal. Walter Silva conheceu nosso personagem entre goles de batidas exóticas na Quitanda. “Um moço de 19 anos lembrando um compositor antigo. Muito antigo. Mas que letras, que rimas, que cultura gramatical e que conhecimentos históricos tinha aquele quase adolescente que me empolgava, embriagava, me embargava e me obrigava a aplaudi-lo”, escreve em seu livro de memórias *Vou Te Contar*. Foi a primeira apresentação profissional de Chico Buarque.

Compõe *Tem Mais Samba* para o musical *Balanço de Orfeu*, do publicitário Luiz Vergueiro. Feito para o encerramento da peça (arrematando um duelo da bossa nova com a jovem guarda), é considerado por Chico sua primeira composição, tendo sido arrematada na véspera da estreia da peça, 7 de dezembro, no Teatro Maria Della Costa, em São Paulo. Encerrava-se por aí a pré-história musical do compositor Chico Buarque, então um estudante da FAU, que já tinha sucessos conhecidos no meio universitário, como *Alvorada*, *Desencanto*, *Malandro Quando Morre*, *Teresa Tristeza*, *Roda Gigante* e *Marcha para um Dia de Sol*, primeira composição gravada de Chico Buarque, lançada em disco, neste ano, pela cantora Maricenne Costa (num compacto da Philips), já tratando de justiça social: “Eu quero ver um dia / Numa só canção / O pobre e o rico / Andando mão em mão / Que nada falte / Que nada sobre / O pão do rico / O pão do pobre”.

Em 23 de dezembro, Chico recebe seu primeiro cachê no show *O Momento é Bossa*, produzido também por Walter Silva, no Cine Ouro Verde, em Campinas (SP). Ganhou 50 mil cruzeiros (na época, o equivalente a 30 dólares), que tratou de torrar com amigos em noitadas no interior de São Paulo. D. Maria Amélia torceu o nariz ao saber que o filho tinha sido pago para cantar – atividade lúdica que era um passatempo caseiro ou, no máximo, coisa de showzinhos universitários. “Que vergonha!”, teria dito a Chico.

1965 – Em março, participa do Festival Nacional de Música Popular Brasileira da TV Excelsior, com o samba *Sonho de um Carnaval*, interpretado por Geraldo Vandré. Com arranjo do maestro Erlon Chaves, o belo samba de Chico (também conhecido como *Vestido de Rei* ou *Carnaval da Ilusão*) acabou ficando num tom baixo para a voz de Vandré e não foi bem aceito pelo público e pelos jurados – entre eles, o compositor João de Barro, flagrado por Chico desancando *Sonho de um Carnaval*: “Mas esta música, hein? Que porcaria!”. Resultado: nem passou da eliminatória.

Em 6 de maio, sai pela RGE o primeiro compacto de Chico Buarque, trazendo *Sonho de um Carnaval* no lado B de *Pedro Pedreiro* – primeiro sucesso de nosso personagem e número obrigatório onde quer que ele fosse se apresentar: programas de rádio e TV, reuniões de intelectuais, rodas de samba com os amigos. *Pedro Pedreiro* foi a primeira música que o iniciante Chico mostrou para os mestres Tom Jobim (numa reunião na casa do maestro, no Leblon) e Vinicius de Moraes (que estava internado para desintoxicação na Clínica São Vicente, na Gávea). Já Sérgio Buarque de Holanda gostava de

destacar a palavra “penseiro”, criada por Chico, “talvez inspirado em Guimarães Rosa, que também era dado a inventar palavras”. Chico só consegue se desgrudar um pouco de *Pedro Pedreiro* no fim do ano, quando lança seu segundo compacto, com *Meu Refrão* e *Olê Olá*, esta segunda reconhecida de imediato como sua música mais bonita. Sobre ela, Vinicius escreveria em 1968: “Ouvi o samba cantado por suas irmãs, em sua ausência, e ele me emocionou fundamente. Pois ali via-se, com muito mais diafragma que em *Pedro Pedreiro*, o fundo sentimento de terna piedade para com seu semelhante que caracterizava a composição desse moço já nascido adulto para a arte de fazer canções”. Também de 1965 é a primeira composição de Chico em parceria: *Lua Cheia*, com Toquinho.

Em 11 de setembro, estreia a peça *Morte e Vida Severina*, montada sobre poema de João Cabral de Melo Neto (escrito dez anos antes, a pedido de Maria Clara Machado), com música de Chico Buarque. O convite para a empreitada foi feito a Chico pelo escritor Roberto Freire, amigo de Miúcha, que pouco antes havia sido jurado do festival da TV Excelsior. Com grande sucesso de público e ótima repercussão, a montagem marcou a inauguração do Teatro da Universidade Católica de São Paulo, o Tuca. Em abril do ano seguinte, *Morte e Vida Severina* conquistaria os prêmios de público e crítica do IV Festival de Teatro Universitário de Nancy – arrebatando o próprio autor, até então desconfiado com o resultado da montagem – e partiria em turnê pela Europa, com apresentações em Paris, Lisboa, Porto e Coimbra. Ao receber o convite para musicar o poema, o primeiro reflexo de Chico foi recusar, alegando que “musicar João Cabral era demais para ele”. Só topou quando todos já trabalhavam na montagem. E assim fez em *Balanço de Orfeu* e em todas as encomendas que receberia pela carreira: deixava para a última hora.

1966 – São tantas as mudanças que este ano traz para a vida de Chico Buarque que, por pouco, as composições feitas para as trilhas sonoras do filme *O Anjo Assassino* (Dionísio Azevedo) e da peça infantil *O Patinho Preto* (Walter Quaglia) não passam despercebidas.

Em julho, Chico se muda para o Rio de Janeiro, para uma quitinete na Rua Prado Júnior, em Copacabana, a poucas quadras da residência de sua família quando nasceu, 22 anos antes, e onde ainda mora sua avó, Maria do Carmo, com quem passa a almoçar com frequência. No mesmo mês, Nara Leão estreia, na boate Cangaceiro (Copacabana), um show com o MPB-4, no qual apresentava duas músicas de Chico Buarque: *Funeral de um Lavrador* (da peça *Morte e Vida Severina*) e *Olê Olá*. Em 1º de setembro, Chico divide com Odette Lara e o mesmo MPB-4 o show *Meu Refrão*, em cartaz na boate Arpège (Leme), com direção de Antonio Carlos Fontoura e Hugo Carvana. No repertório, músicas da primeira safra de Chico (*Pedro Pedreiro*, *Sonho de um Carnaval*, *Olê Olá*, *Tem Mais Samba*, *Madalena Foi pro Mar...*) e duas composições feitas especialmente para a ocasião: o samba *Meu Refrão* e a marcha-rancho *Noite dos Mascarados*. Esta última foi feita para substituir o samba *Tamandaré*, que brincava com o patrono da Marinha (o Almirante Tamandaré, cuja efígie estampava a nota de um cruzeiro) para criticar a situação financeira do povo, mas foi considerada desrespeitosa (e vetada) pela censura, que pela primeira vez cerceava Chico.

Foi durante essa temporada que nosso personagem conheceu a atriz Marieta Severo (apresentada a ele por Carvana), com quem engatou um namoro que logo virou casamento. Chico e Marieta (ele com 22 anos, ela com 20) moraram primeiro na quitinete da Prado Júnior.

Depois dos primeiros sucessos universitários e das primeiras gravações, Chico conhece o sucesso nacional com a marcha *A Banda*, vencedora do II Festival de Música Popular Brasileira, da TV Record, empatada com *Disparada* (Geraldo Vandré e Théo de Barros).

Defendida por Chico em dueto com Nara Leão, a música seria a única vencedora do festival se dependesse do júri; mas a repartição do prêmio foi a solução encontrada por Chico para não exaltar ainda mais os ânimos da plateia, apaixonada e dividida ao meio como num estádio de futebol. A divisão do primeiro lugar foi aceita pelo júri (não fosse assim, Chico avisou que não receberia o troféu) e o prêmio foi dividido. Cada um dos vitoriosos da grande final (realizada em 10 de outubro, no Teatro Record) levou 15 milhões de cruzeiros (valor equivalente a 6.800 dólares), mas os versos que caíram na boca do povo foram os de Chico Buarque: “Estava à toa na vida / E o meu amor me chamou / Pra ver a banda passar / Cantando coisas de amor”.

“Coisas de amor são finezas que se oferecem a qualquer um que saiba cultivá-las, distribuí-las, começando por querer que elas floresçam”, saudou o poeta Carlos Drummond de Andrade numa crônica publicada no Correio da Manhã (14 de outubro de 1966). “A felicidade geral com que foi recebida essa banda tão simples, tão brasileira e tão antiga na sua tradição lírica, que um rapaz de pouco mais de vinte anos botou na rua, alvoroçando novos e velhos, dá bem a ideia de como andávamos precisando de amor.” A febre instantânea de *A Banda* se traduziu em muito trabalho para Chico (30 shows fechados em todo o Brasil logo após o festival) e também na vendagem de discos: em menos de uma semana, foram cem mil cópias vendidas do compacto de Nara com *A Banda*. Notou que tinha virado celebridade no dia em que foi parado na rua por uma senhora e dois garotos para dar autógrafos. Com o sucesso da música vieram prêmios, títulos e shows. Virou cidadão honorário de São Paulo, ganhou a chave da cidade em Curitiba, desfilou em carro aberto em Lisboa, na Festa do Milho em Patos de Minas... Em dezembro, sai pela Livraria Francisco Alves o primeiro *songbook* de Chico: *A Banda, Manuscritos de Chico Buarque de Hollanda*, com 18 letras manuscritas e o conto *Ulisses*, escrito para o suplemento literário de O Estado de S.Paulo.

Sobre a composição, Chico contou ao MIS que foi feita após a volta da Europa (excursão de *Morte e Vida Severina*), em julho de 1966, numa “onda de fazer coisas”, no meio de “uma série de músicas”. Especificamente sobre *A Banda*, ele contou que saiu em casa, no início da tarde: “Eu estava com fome, esperando o almoço, quando tive a ideia da imagem da banda passando e vi várias coisas acontecendo. Não saiu a letra antes da música – foi a ideia da letra que saiu antes de qualquer coisa. A ideia da banda passando e das coisas que acontecem. Logo eu tive várias imagens: a moça que vai para a janela, o cara contando dinheiro. Aí, peguei o violão e saiu”, contou o compositor, que acabou almoçando no fim da tarde. “Eu fiz a música quase inteira de estalo, o único problema que ficou foi o de mandar a banda embora. Aquele final todo foi posterior. Não queria deixar a banda tocando para sempre na rua, porque eu gosto de deixar as coisas mais reais.” Pela gravadora RGE, sai o primeiro LP de nosso personagem, *Chico Buarque de Hollanda*, contendo amostras de sua primeira safra de composições, entre elas as obrigatórias *A Banda* (faixa 1 do lado A), *Pedro Pedreiro* e *Olê Olá*.

Não bastasse o primeiro show em temporada, a vitória no festival da Record, o primeiro LP lançado e o primeiro sucesso nacional, foi em 1966 que Chico conheceu Tom Jobim, por meio de Aloysio de Oliveira. Em seguida, tornaram-se parceiros: Chico fez letra sobre *Zíngaro*, tema instrumental de Tom, e assim nasceu *Retrato em Branco e Preto*. “As minhas primeiras parcerias com o Tom e o meu contato com ele me levaram para esse caminho da música mais consciente, menos primitiva”, diz o compositor em *Chico Buarque, Anotações com Arte*. Ao lançar *As Cidades* (1998), primeiro disco após a morte de Tom, Chico falaria da falta que sentia do “maestro soberano”. “Tudo o que eu escrevia era para ele”, lembra Chico. “De repente, senti uma estranheza de fazer música sem o Tom para ouvir. Sentia como se ele estivesse atrás do meu ombro, observando.”

Com o sucesso de *A Banda* e a temporada ininterrupta de shows pelo Brasil, pôde comprar seu primeiro imóvel: um apartamento na Rua Dias Ferreira, no Leblon. Durante o autoexílio em Roma, o apartamento por pouco não foi perdido – o “amigo” encarregado de pagar as prestações desviou o dinheiro enviado da Itália. Chico foi alertado por Tom Jobim (avisado por um amigo funcionário do Banco Nacional) de que estava prestes a perder o imóvel. Na volta do exílio, Chico saldou a dívida.

1967 – Em outubro, fica em terceiro lugar no III Festival de Música Popular Brasileira, realizado pela TV Record, com *Roda Viva*, defendida pelo MPB-4. A campeã foi *Ponteio* (Edu Lobo e Capinam) e a vice-campeã, *Domingo no Parque* (Gilberto Gil). A RGE lança o LP *Chico Buarque de Hollanda, Volume 2*, que mescla composições recentes (*Ano Novo* e *A Televisão*) com outras que andavam engavetadas (*Será Que a Cristina Volta e Fica?*), além de clássicos instantâneos como a marcha-rancho *Noite dos Mascarados* (gravada com Os Três Morais) e os sambas *Quem Te viu, Quem Te Vê e Com Açúcar, com Afeto* (por Jane e Os Três Morais), as duas últimas feitas por encomenda de Nara Leão, que as gravou pouco antes.

1968 – Em 15 de janeiro, estreia no Teatro Princesa Isabel (Copacabana) a peça *Roda Viva*, primeira em que Chico fez texto e música, com direção de José Celso Martinez Correa. A peça conta a história de Ben Silver, jovem ídolo fabricado e manipulado que acaba oferecido ao consumo do público até as vísceras – literalmente, já que um fígado de boi cheio de sangue era dilacerado e jogado à plateia. No elenco, Marieta Severo, Heleno Prestes, Paulo Cesar Pereiro, Antonio Pedro, Pedro Paulo Rangel e outros. Além de *Roda Viva*, outra composição de Chico na peça é o samba *Sem Fantasia*. Após a temporada carioca, *Roda Viva* seguiria para São Paulo (julho) e Porto Alegre (agosto), onde os atores seriam agredidos e o cenário seria destruído por integrantes do Comando de Caça aos Comunistas.

Sai pela RGE o LP *Chico Buarque de Hollanda, Volume 3*, que tem como ponto alto a gravação do samba *Roda Viva*, com Chico e o MPB-4. Outros destaques do repertório são *Retrato em Branco e Preto* (primeira parceria com Tom Jobim), *Sem Fantasia* (gravado com a irmã Christina), *Desencontro* (em dueto com Toquinho), *Ela Desatinou* e *Carolina*. Mas o ano de Chico seria marcado principalmente por festivais, a começar pelo dia 1º de junho, quando concorre na 1ª Bienal do Samba, realizada pela TV Record, com o samba *Bom Tempo*, e termina a disputa como vice-campeão, entre a vencedora *Lapinha* (Baden Powell e Paulo Cesar Pinheiro) e o terceiro colocado, *Pressentimento* (Elton Medeiros e Hermínio Bello de Carvalho). Já no III Festival Internacional da Canção, realizado em setembro/outubro, a canção *Sabiá*, parceria de Chico com Tom Jobim, é a vencedora da grande final realizada em 6 de outubro, no Maracanãzinho. No entanto, a grande lembrança desse festival é mesmo a vaia destinada à campeã pelo público, que não admitia outro resultado que não a vitória da marcha *Pra Não Dizer Que Não Falei das Flores*, de Geraldo Vandré. Na noite da final nacional (29 de setembro), Chico estava em Veneza, na Itália, quando a vitoriosa *Sabiá* levou sua primeira salva de vaias, em plena interpretação de Cynara e Cybele. Tom Jobim, de tão assustado com o que viu no Maracanãzinho, mandou telegrama pedindo socorro ao amigo, que veio da Itália e chegou a tempo da final internacional, também vencida por *Sabiá* e igualmente sob vaias estrepitosas.

Outra disputa musical em que Chico entra neste ano de 1968 – sem vaias – é o IV Festival de Música Popular Brasileira da Record, com o samba *Benvinda*. Defendido por Chico com o MPB-4, é o preferido do júri popular na finalíssima (em 9 de dezembro), mas fica em sexto lugar na avaliação do júri especializado, que dá o título a *São, São Paulo Meu Amor*, de Tom Zé.

Em 13 de dezembro, é promulgado o Ato Institucional nº 5 (AI-5), determinando, en-

tre outras coisas, “a proibição de atividades ou manifestação sobre assunto de natureza política” e aplicando como “medidas de segurança” a “liberdade vigiada”, a “proibição de frequentar determinados lugares” e “domicílio determinado”. No momento em que o regime militar entra na sua fase mais obscura, Chico andava afastado e cansado da militância, tamanha a descrença nos líderes da resistência (“Ao contrário de muita gente da minha geração eu me envolvi muito mais em 1963/64 do que em 1968”). Mas os militares não quiseram saber: uma semana após a promulgação do AI-5, foram buscar Chico em casa, de madrugada, tirando o compositor da cama e levando-o para prestar depoimento, liberando-o em seguida. Incentivado por Vinicius de Moraes, decide passar um tempo fora do Brasil.

1969 – Em 1º de janeiro, Chico embarca para Roma com Marieta, grávida de seis meses, aproveitando convite para participar do Midem – feira de indústria fonográfica em Cannes, na França. Sem trabalho após o evento (nada além de shows esparsos e algumas apresentações na TV), entretém-se criando um jogo de tabuleiro inspirado no futebol, o Ludopédio, que mais tarde seria lançado no Brasil pela Grow, com o nome de Escrete. “Este jogo foi criado na Itália, numa época em que seu autor, evidentemente, não tinha mais o que fazer”, relata Chico no texto de apresentação do jogo. “Cada qual que o curta como bem entender. Ou não. Aliás, as regras estão aí mesmo para serem desrespeitadas”. Outro passatempo era se encontrar com Garrincha, que, nessa época, fazia bicos disputando peladas em times amadores nos arredores de Roma, onde a cantora Elza Soares – na época esposa de Garrincha – fazia alguns shows. Nos passeios, o compositor costumava dirigir para o ex-craque, com quem conversava principalmente sobre música (Garrincha era fã de João Gilberto). Bebiam cerveja e grapa. Em 28 de março, nasce a italiana Sílvia Severo Buarque de Hollanda, primeira filha de Chico e Marieta.

Por correspondência, grava seu quarto LP: mandava para o Brasil as fitas cassetes em que mostrava suas composições e recebia de volta as bases (instrumentos de harmonia, sopros, percussão) para gravar sua voz na Itália. “É o disco da minha maturidade, não como compositor, mas como ser humano. Virei um homem. Eu era moleque”, relembra nosso personagem (em *Chico Buarque, Anotações com Arte*), que, para sustentar a família na Itália, havia pego um adiantamento com a gravadora Philips, comprometendo-se a gravar um disco. E este disco foi *Chico Buarque de Hollanda, Volume 4*, em cuja capa ainda aparece com cara de menino (só no LP seguinte, *Construção*, mostraria a cara com bigode) e que traz no repertório as primeiras gravações de *Essa Moça Tá Diferente*, *Samba e Amor*, *Gente Humilde* (letra de Vinicius com arremates de Chico sobre antigo choro de Garoto) e *Ilmo Sr. Cyro Monteiro ou Receita pra Virar Casaca de Neném*.

Neste último samba, a letra era uma resposta à camisa do Flamengo que o amigo Cyro Monteiro havia mandado de presente para a primogênita Sílvia, procurando desencaminhar a menina do coração tricolor de Chico. “Minha petiz / Agradece a camisa / Que lhe deste à guisa / De gentil presente / Mas caro nego / Um pano rubro-negro / É presente de grego / Não de um bom irmão”, diz a letra, em que Chico termina transformando a camisa do Fla na do Flu. Não adiantou e Sílvia virou Flamengo.

A temporada do autoexílio italiano seria lembrada na discografia de Chico por mais dois discos gravados neste ano: *Chico Buarque de Hollanda na Itália* (RGE) e *Per un Pugno di Samba* (RCA), cada um com 12 composições de Chico vertidas para o italiano.

1970 – Em 20 de março, retorna ao Rio de Janeiro, após 14 meses de autoexílio em Roma. O desembarque no Galeão tem ampla cobertura da imprensa e da TV, que registram um Chico sorridente ao lado de Marieta e da pequena Sílvia. No entanto, o clima no Brasil era tão ruim quanto no ano anterior, quando partiu para a Itália. Paralela-

mente à falta de liberdade de opinião e à prática da tortura nos quartéis de polícia, os carros circulavam com adesivos que estampavam “Brasil, ame-o ou deixe-o”, ou pior: “Brasil: ame-o ou morra”. Segundo Chico, foi dessa atmosfera (e não da figura do presidente-ditador Emílio Garrastazu Médici) que veio a inspiração para compor o samba *Apesar de Você*, composto e lançado neste ano num compacto da Philips, que trazia no lado B o samba *Desalento* (parceria com Vinicius de Moraes). Devidamente autorizado pela censura, chegou a vender cem mil cópias até que, depois de um jornal insinuar que era uma “homenagem” a Médici, o disco foi proibido, a gravadora foi invadida e os exemplares destruídos. Em 22 de dezembro, nasce Helena Severo Buarque de Hollanda, segunda filha de Chico e Marieta.

1971 – Ano de lançamento do LP *Construção*, que traz uma série de clássicos do repertório de Chico Buarque, como *Deus Lhe Pague*, *Cotidiano*, *Cordão*, *Olha Maria* (com Vinicius de Moraes e Tom Jobim), *Samba de Orly* (com Vinicius e Toquinho), *Acalanto para Helena* e *Construção*, esta última toda montada com versos terminados em palavras proparoxítonas. “Não passava de experiência formal, jogo de tijolos”, diz Chico em entrevista à revista *Status* (1973), garantindo que não tinha qualquer interesse em denunciar a dureza da vida dos operários. “Na hora em que componho não há intenção, só emoção. Em *Construção*, a emoção estava no jogo de palavras. Agora, se você coloca um ser humano dentro de um jogo de palavras, como se fosse um tijolo, acaba mexendo com a emoção das pessoas”. Duas músicas do repertório do disco já haviam sido lançadas por Chico num compacto da Continental, neste mesmo ano: *Valsinha* (com Vinicius de Moraes) e *Minha História* (versão em português para a italiana *Gesù Bambino*, de Dalla e Pallottino).

1972 – Depois de uma ponta em 1967 (no filme *Garota de Ipanema*, de Leon Hirszman), estreia como ator de cinema, no filme *Quando o Carnaval Chegar*, de Cacá Diegues, contracenando com Hugo Carvana, Nara Leão e Maria Bethânia. Para o filme, compõe *Baioque*, *Bom Conselho*, *Caçada*, *Mambembe*, *Quando o Carnaval Chegar*, *Partido Alto* e *Soneto*, todas reunidas num LP lançado neste mesmo ano pela Philips. Para o musical *O Homem de La Mancha*, de Ruy Guerra, escreve a letra de *Sonho Impossível* (com Guerra), sobre original de J. Darion e M. Leigh.

Em 10 e 11 de novembro, apresenta-se com Caetano Veloso no Teatro Castro Alves, em Salvador. Além de ser uma espécie de “fim oficial” do antagonismo entre Chico e Caetano (rivalidade surgida e alimentada com o tropicalismo, em 1967), o encontro rendeu um belo LP lançado neste mesmo ano pela Philips: *Caetano e Chico Juntos e ao Vivo*.

1973 – Compõe a valsa *Joana Francesa* para filme homônimo de Cacá Diegues, estrelado por Jeanne Moreau. E escreve a peça *Calabar*, o *Elogio da Traição*, em parceria com Ruy Guerra, que não consegue estrear. Foi vetada pela censura – que proibia, inclusive, a divulgação da notícia sobre a proibição. O prejuízo dos produtores da peça, Fernanda Montenegro e Fernando Torres, chegou perto dos 30 mil dólares. A peça só seria encenada pela primeira vez em 1980 (no Teatro São Pedro, em São Paulo), quando suas músicas já estariam no gosto popular, graças ao LP *Chico Canta*, lançado ainda em 1973, pela Philips, com as músicas de *Calabar*, todas em parceria com Ruy Guerra: *Tatuagem*, *Ana de Amsterdam*, *Bárbara*, *Não Existe Pecado ao Sul do Equador*, *Boi Voador Não Pode*, *Fado Tropical*, *Tira as Mãos de Mim*, *Cobra de Vidro*, *Vence na Vida Quem Diz Sim*, *Fortaleza*, *Você Vai Me Seguir* e *Cala a Boca*, *Bárbara*. Originalmente, o LP se chamaria *Chico Canta Calabar*, mas a censura – que estranhamente liberou o disco – vetou o nome da peça proibida.

1974 – Lança a “novela pecuária” *Fazenda Modelo*, seu primeiro livro, pela editora Civilização Brasileira. Também deste ano é o LP *Sinal Fechado*, no qual Chico dá a seu

modo uma resposta à censura: um disco de cantor, interpretando músicas de outros compositores, como Tom Jobim (*Lígia*), Paulinho da Viola (*Sinal Fechado*), Dorival Caymmi (*Você Não Sabe Amar*), Geraldo Pereira (*Sem Compromisso*), Noel Rosa (*Filosofia*), Gilberto Gil (*Copo Vazio*), Caetano Veloso (*Festa Imodesta*) e outros. Entre eles estava o desconhecido Julinho da Adelaide, pseudônimo com que nosso personagem assinara o samba *Acorda, Amor*, num artifício para driblar a censura, que vinha tendo uma atenção especial para tudo que levasse a assinatura de Chico Buarque. Julinho ainda fez outra composição (o rock *Jorge Maravilha*, dos famosos versos “Você não gosta de mim / Mas sua filha gosta”) e chegou uma dar uma entrevista ao repórter Mário Prata (*Última Hora*, em setembro de 1974), na qual dizia ser filho de um alemão com uma favelada paralítica de nome Adelaide de Oliveira Kuntz.

Julinho já ia assinar uma terceira composição (*O Milagre Brasileiro*, que seria gravada por Miúcha em 1980) quando seu personagem “morreu” – foi numa matéria do *Jornal do Brasil*, em 1975, que desmascarava o artifício de Chico. Depois de ser exposta ao ridículo, a censura passou a determinar que as músicas submetidas à aprovação fossem enviadas com cópias de documentos do compositor. Chico chegou a criar outro personagem chamado Pedrinho Manteiga, funcionário da Brahma e vencedor de um festival da cervejaria com *Este é um Samba Que Vai pra Frente*, que inclusive já estava prometida a Jair Rodrigues. Mas foi o próprio Chico que assinou e gravou o samba, em 1976, com o título *Corrente*.

O ano de 1974 marca também o lançamento do primeiro disco solo de sua irmã caçula, *Cristina* (Philips). Projetada com o sucesso de *Quantas Lágrimas* (do portelense Manacea), ela – que depois adotaria o nome artístico de Cristina Buarque – se tornaria personagem importante no meio do samba, tanto como intérprete quanto como pesquisadora.

1975 – Em 17 de setembro, nasce Luísa Severo Buarque de Hollanda, terceira filha de Marieta e Chico, que neste ano lança músicas em dois filmes: para *Vai Trabalhar, Vagabundo* (Hugo Carvana), faz um samba homônimo e *Flor da Idade*; para *A Noiva da Cidade* (Alex Viary), faz três composições com Francis Hime – *A Noiva da Cidade*, *Passaredo* e *Quadrilha*. O ano é marcado também pela encenação da peça *Gota d'Água* (escrita em parceria com Paulo Pontes, dirigida por Gianni Ratto e protagonizada por Bibi Ferreira), para a qual escreve quatro canções: *Flor da Idade*, *Bem Querido*, *Gota d'Água* e *Basta um Dia*. A estreia da peça foi em 26 de dezembro, no Teatro Tereza Rachel, em Copacabana. Premiados com o Molière (principal prêmio do teatro brasileiro), Chico e Paulo Pontes não foram receber o troféu, em solidariedade aos autores que tiveram peças proibidas naquele ano, como Plínio Marcos (*Abajur Lilás*) e Oduvaldo Vianna Filho (*Rasga Coração*).

Em homenagem à Revolução dos Cravos (realizada em Portugal, no mês de abril, pondo fim à ditadura do general Oliveira Salazar), compõe a canção *Tanto Mar*, cuja gravação só é possível em Portugal. A gravação no Brasil, com versos que depois seriam modificados, tinha sido proibida pela censura: “Lá faz primavera, pá / Cá estou doente / Manda urgentemente / Algum cheirinho de alecrim”.

1976 – Chico Buarque compõe *O Que Será* (com três letras diferentes) para o filme *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, de Bruno Barreto, maior bilheteria do cinema nacional até 2010 – quando foi ultrapassado por *Tropa de Elite 2*, de José Padilha. Com Augusto Boal, escreve a canção *Mulheres de Atenas* para peça homônima de Boal. E é para o amigo Boal, então exilado em Portugal, que Chico compõe seu maior sucesso neste ano: o choro *Meu Caro Amigo*, em parceria com Francis Hime. “A Marieta manda um beijo para os seus / Um beijo na família, na Cecília e nas crianças”, diz a letra epistolar da música que encerra o LP *Meus Caros Amigos* (Philips), lançado neste

ano com as primeiras gravações de alguns outros clássicos de seu repertório, como a já citada *Mulheres de Atenas*, *Você Vai Me Seguir* (com Ruy Guerra), *Vai Trabalhar*, *Vagabundo*, *Corrente* e *A Noiva da Cidade* (com Francis Hime).

Em 14 de abril, a estilista Zuzu Angel morre num acidente de carro na saída do Túnel Dois Irmãos. A tragédia foi o capítulo final de uma série de ameaças que ela vinha sofrendo à medida que denunciava nominalmente os agentes do regime militar que haviam prendido, torturado e assassinado seu filho Stuart Angel, militante político ligado ao MR-8, no Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica (14 de junho de 1971). Uma semana antes do acidente com Zuzu, ela havia deixado um bilhete com Chico Buarque: “Se eu aparecer morta, por acidente ou outro meio, terá sido obra dos assassinos do meu amado filho”. Em sua homenagem, compôs *Angélica*, em parceria com Miltinho, que seria lançada em 1978 pelo Quarteto em Cy.

Neste mesmo ano, sua irmã mais velha e ex-professora de violão Miúcha faz sua estreia fonográfica, no LP *The Best of Two Worlds*, de seu então marido João Gilberto com o saxofonista norte-americano Stan Getz.

1977 – Compõe o samba *Feijoada Completa* para o filme *Se Segura, Malandro*, de Hugo Carvana. Já para o musical infantil *Saltimbancos*, escreve as versões em português para dez canções compostas em italiano pelo lombardo Sérgio Bardotti, em parceria com o argentino Luiz Enriquez Bacalov: *Bicharia*, *O Jumento*, *Um Dia de Cão*, *A Galinha*, *História de uma Gata*, *A Cidade Ideal*, *Minha Canção*, *A Pousada do Bom Barão*, *Esconde-Esconde* e *Todos Juntos*, reunidas no LP *Saltimbancos*, lançado neste mesmo ano – numa época em que, exceto pela coleção *Disquinho* (de João de Barro), não se produziam discos infantis. Gravado por Nara Leão (no papel da gata), Miúcha (galinha), Ruy Faria (cachorro) e Magro (jumento), o disco se tornou um clássico do cancionário infantil, abrindo as portas para outros lançamentos no mesmo segmento, como *A Arca de Noé*, *Casa de Brinquedo*, *Pirlimpimpim* e outros. Bardotti e Bacalov eram os autores da peça original *I Musicanti*, que, baseada na fábula *Os Músicos de Bremen* (dos irmãos Grimm), havia sido encenada na Itália, no ano anterior, sem sucesso. Não foi o que se viu no *Canecão*, que teve casa cheia em toda a temporada carioca, realizada neste ano de 1977, com direção de Antonio Pedro e tendo Grande Otelo e Marieta Severo à frente do elenco.

O ano de 1977 também traz duas lindas composições nostálgicas de Chico Buarque, que remetem à infância. Uma delas é *Maninha*, feita para Miúcha, incluída no repertório do primeiro disco dela com Tom Jobim, gravado neste ano. A outra é *João e Maria*, sobre a música do grande sanfoneiro paraibano Sivuca, lançada por Nara Leão, em dueto com Chico, no disco *Meus Amigos São um Barato*, também deste ano. Ambas seriam incluídas nas trilhas sonoras de novelas da Rede Globo: *Maninha*, em *Espelho Mágico* (Lauro César Muniz, 1977) e *João e Maria*, em *Dancin' Days* (Gilberto Braga, 1978/79).

1978 – Em 26 de julho, estreia o musical *Ópera do Malandro*, no Teatro Ginástico, com texto de Chico baseado na *Ópera dos Mendigos* (John Gay, 1728) e na *Ópera de Três Vinténs* (Bertolt Brecht e Kurt Weill, 1928). Com direção de Luiz Antonio Martinez Correa, apresentava 17 composições de Chico Buarque, sendo duas baseadas numa canção original de Brecht e Weill (*O Malandro* e *O Malandro nº 2*), uma colagem com paródias de óperas diversas, e outras 13 originais: *Geni e o Zepelim*, *Pedaço de Mim*, *O Meu Amor*, *Teresinha*, *Homenagem ao Malandro*, *Folhetim*, *Doze Anos*, *Hino de Duran*, *Viver de Amor*, *Uma Canção Desnaturada*, *Tango do Covil*, *O Casamento dos Pequenos Burgueses*, *Ai Se Eles Me Pegam Agora* e *Se Eu Fosse o Teu Patrão*. Todas as músicas são reunidas no LP *Ópera do Malandro*, lançado neste ano pela Philips, com interpretações de cantores como Marlene, Moreira da Silva, MPB-

4, Nara Leão, Alcione, Zizi Possi, Gal Costa, Elba Ramalho, Marieta Severo e o tenor Paulo Fortes, além de Chico.

É de fevereiro deste ano a primeira viagem de Chico a Cuba, onde participa do júri de teatro do prêmio Casa de las Américas e conhece Pablo Milanés, Silvio Rodríguez e outros compositores da Nueva Trova. De Milanés, ele se tornaria parceiro ao fazer as letras em português para *Canción por la Unidad Latinoamericana* e *Iolanda*; de Rodríguez, gravaria *Pequena Serenata Diurna* em seu LP deste ano. Na volta de Havana, Chico e os outros jurados (Ignácio de Loyola Brandão, Antonio Callado e Fernando Morais) foram detidos pelo Dops no Galeão, para explicar o que tinham ido fazer na ilha de Fidel Castro.

No disco *Chico Buarque* (Philips), feito neste ano, grava, entre outras músicas, os sambas *Feijoada Completa*, *Até o Fim*, *Pivete* (com Francis Hime), *Tanto Mar* e *A pesar de Você* (lançado e proibido em 1970). Também é deste disco a primeira gravação de Cálice (parceria com Gilberto Gil, gravada com Milton Nascimento), proibida desde 1973, quando foi composta.

1979 – Para o filme *República dos Assassinos*, de Miguel Faria Jr., compõe *Sob Medida* e *Não Sonho Mais*. Para a peça *O Rei de Ramos*, de Dias Gomes, compõe *Amando sobre os Jornais*, *Canção de Pedroca* (com Francis Hime) e *O Rei de Ramos* (com Francis e Dias Gomes). No mesmo ano, publica o livro infantil *Chapeuzinho Amarelo*, pela José Olympio Editora.

1980 – Compõe *Eu Te Amo* (com Tom Jobim), para o filme homônimo de Arnaldo Jabor, e *Bye Bye Brasil* (com Roberto Menescal), para o filme homônimo de Cacá Diegues. Para o espetáculo de dança *Geni*, da atriz e bailarina Marilena Ansaldi (sobre o personagem travesti da *Ópera do Malandro*), Chico compõe *Pássara* (com Francis Hime) e *Mar e Lua*. No LP *Vida* (Philips), lança as inéditas *Vida*, *Deixa a Menina*, *Já Passou*, *Qualquer Canção* e *Eu Te Amo*, gravada com Telma Costa (voz) e Tom no piano. No mesmo disco, grava também o samba *Morena de Angola* (lançado por Clara Nunes neste mesmo ano) e o bolero *Bastidores*, que viraria prefixo de Cauby Peixoto (“Canteeei, canteeeee”), mas foi feito originalmente para Cristina Buarque, que também gravou a composição neste ano de 1980.

Neste ano, é a vez de Baía lançar seu primeiro disco solo, tendo como título seu nome artístico: *Ana de Hollanda* (selo Eldorado). Também atriz e compositora, ela seguiria paralelamente uma carreira de gestora pública, como secretária de Cultura de Osasco (1986-88), diretora do Centro de Música da Funarte (2003-06), vice-presidente do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro (2007-10) e Ministra da Cultura (2011-12).

1981 – Outro clássico de Chico lançado pela irmã caçula: o samba *O Meu Guri*, gravado no LP *Cristina*. O ano de 1981 é marcado também pelo lançamento do filme *Saltimbancos Trapalhões* (J.B. Tanko), baseado na peça *Os Saltimbancos*, trazendo composições inéditas de nosso personagem: *Piruetas*, *Hollywood*, *A Cidade dos Artistas*, *Rebichada*, *Meu Caro Barão* e *Alô, Liberdade*. Neste mesmo ano, publica o poema *A Bordo do Rui Barbosa*, pela editora Palavra e Imagem, com ilustrações de Vallandro Keating. É deste ano o início da parceria com Edu Lobo, com quem compõe o samba *Moto Contínuo*.

1982 – Em 24 de abril (dois anos após ser signatário da ata de fundação do Partido dos Trabalhadores, o PT), Sérgio Buarque de Holanda morre, aos 79 anos, de câncer de pulmão. A mãe, a carioca Maria Amélia, deixa São Paulo para voltar a morar no Rio, de frente para o mar de Copacabana.

Com Edu Lobo, Chico compõe dez canções para o balé *O Grande Circo Místico*, roteirizado por Naum Alves de Souza sobre poema de Jorge de Lima, para o Ballet Teatro Guaira, de Curitiba. Com estreia em 17 de março de 1983, trazia as canções *Beatriz*, *Valsa dos Clowns*, *Opereta do Casamento*, *A História de Lily Braun*, *Meu Namorado*, *Sobre Todas as Coisas*, *A Bela e a Fera*, *Ciranda da Bailarina*, *O Circo Místico* e *Na Carreira*. O disco com as canções também saiu em março de 1983, tendo como solistas Milton Nascimento, Gilberto Gil, Gal Costa, Zizi Possi, Tim Maia, Jane Duboc e outros.

Sai o disco *Almanaque* (Ariola), cuja capa e encarte – projeto gráfico de Elifas Andreato – são uma atração à parte, com charadas, palavras cruzadas, horóscopo e ilustrações à moda antiga que compõem, de fato, um almanaque. No repertório, as inéditas *As Vitrines*, *Ela é Dançarina*, *Almanaque* e *A Voz do Dono e o Dono da Voz*. No mesmo ano, sai pela Polygram *Chico Buarque en Español*, com dez composições suas vertidas por Daniel Viglietti.

1983 – Participa do 1º Festival Internacional da Música Latina, em Varadero, Cuba. Para o filme *Perdoa-me por Me Traíres*, de Braz Chediak, compõe o blues *Mil Perdões*. Do mesmo ano é o filme *Para Viver um Grande Amor*, de Miguel Faria Jr., que traz seis composições de Chico: três com Tom Jobim (*Imagina*, *Meninos Eu Vi* e *A Violeira*), uma com Djavan (*Tanta Saudade*) e duas sem parceiro (*Sinhazinha* e o clássico *Samba do Grande Amor*). Com Edu Lobo, compõe o samba-enredo *Dr. Getúlio* para a peça homônima de Dias Gomes.

1984 – Em dezembro, apresenta-se com Toquinho no Luna Park, em Buenos Aires, pondo fim a um afastamento dos palcos que durava desde 1975, quando fez temporada ao lado de Maria Bethânia em show gravado no LP *Chico Buarque & Maria Bethânia* (Philips, 1975). Afastou-se para se descolar do papel de “herói nacional” em que era visto por seu público. “Era uma responsabilidade que eu não queria carregar, mas não tinha como dizer às pessoas: olha, eu não sou isso que vocês pensam”, diz o compositor em *Chico Buarque, Anotações com Arte*. Pela Barclay/Ariola, lança o LP *Chico Buarque*, que traz como destaque o samba *Vai Passar* (sua última parceria com Francis Hime) e outras inéditas, como *Pelas Tabelas*, *Suburbano Coração*, *Brejo da Cruz*, *As Cartas*, *Mano a Mano* (com João Bosco) e a versão em português para *De que Callada Maneira* (Pablo Milanés e Nicolás Guillén), que em português virou *Como Se Fosse a Primavera*.

1985 – Compõe, em parceria com Edu Lobo, as músicas da peça *O Corsário do Rei*, de Augusto Boal: *Choro Bandido*, *Verdadeira Embolada*, *Show Bizz*, *A Mulher de Cada Porto*, *Opereta do Moribundo*, *Bancarrota Blues*, *Tango de Nancy*, *Salmo*, *Acalanto*, *O Corsário do Rei* e *Meia-Noite*. Neste mesmo ano, é lançado o filme *Ópera do Malandro*, de Ruy Guerra, baseado na peça homônima de Chico Buarque, com oito novas composições de nosso personagem: *A Volta do Malandro*, *Las Muchachas de Copacabana*, *O Último Blues*, *Sentimental*, *Aquela Mulher*, *Palavra de Mulher*, *Hino da Repressão* e *Rio 42*.

1986 – Um dos destaques da TV neste ano é o programa *Chico & Caetano*, na Rede Globo, com nove shows nos quais os dois anfitriões recebem convidados os mais diversos: Tom Jobim, Astor Piazzolla, Milton Nascimento, Mercedes Sosa, Gal Costa, Pablo Milanés, Maria Bethânia, Renato Russo, Gilberto Gil, Tim Maia, Elizeth Cardoso, Paulo Ricardo, Paulinho da Viola, Luiz Caldas, Paula Toller, Jorge Bem, Elza Soares, Rita Lee, Cazusa, Beth Carvalho...

1987 – Com Edu Lobo, compõe para o balé *Dança da Meia Lua* (roteiro de Ferreira Gullar para o Ballet Teatro Guaira) as canções *Valsa Brasileira*, *A Permuta dos Santos*, *Frevo*

Diabo, Meio-Dia, Meia Lua, Abandono, Casa de João de Rosa, Dança das Máquinas, Tablados, Tororó e Sol e Chuva. Lança, pela BMG-Ariola, o disco *Francisco*, quase todo romântico, trazendo as inéditas *O Velho Francisco, As Minhas Meninas, Uma Menina, Estação Derradeira, Ludo Real* (com Vinicius Cantuária), *Todo o Sentimento* (com Cristiano Bastos), *Lola, Cadê Você* (com João Donato) e *Sambando no Toró*.

1989 – Em 17 de abril, estreia a peça *Suburbano Coração*, de Naum Alves de Souza, com as músicas *Suburbano Coração, A Mais Bonita e É Tão Simples*. Para o filme *Amor Vagabundo*, de Hugo Carvana, compõe a canção *Trapaças*. O ano é marcado também pelo lançamento de mais um disco solo, o terceiro chamado *Chico Buarque* (BMG-Ariola), cujo repertório tem as primeiras gravações de *Morro Dois Irmãos, Baticum* (com Gilberto Gil, seu parceiro na composição), *Trapaças, Uma Palavra, O Futebol e A Mais Bonita*.

1991 – Retoma a atividade de escritor com a publicação do romance *Estorvo* (Companhia das Letras), pelo qual conquista o prêmio Jabuti. É adaptado para o cinema numa produção luso-cubano-brasileira dirigida por Ruy Guerra, com trilha sonora de Egberto Gismonti. A partir deste ano, Chico irá se alternar sistematicamente entre as atividades de cantor/compositor e escritor romancista, alternando discos e livros.

1993 – No fim do ano, sai o disco *Paratodos* (BMG-Ariola), trazendo na capa as fotos do boletim de ocorrência de quando Chico tinha 17 anos e foi detido “puxando” um carro. “É a figura do larápio rastaquera / Numa foto que não era para capa”, dizem os versos de *A Foto da Capa*, uma das inéditas do repertório. Outras composições lançadas no disco foram *De Volta ao Samba, Futuros Amantes, Outra Noite* (com Luiz Cláudio Ramos), *Romance*, o samba *Biscate* (gravado com Gal Costa) e o baião *Paratodos*, composto como uma brincadeira com Tom Jobim, que gostava de enumerar as diferentes procedências de sua árvore genealógica.

1995 – Compõe a valsa *A Ostra e o Vento* para o filme homônimo de Walter Lima Jr. Regrava 15 composições suas para o CD *Uma Palavra*, lançado neste ano pela BMG. Em dezembro, lança pela Companhia das Letras o romance *Benjamim*, adaptado para o cinema, em 2005, por Monique Gardenberg.

1996 – Após 30 anos de casamento, separa-se de Marieta Severo. Muda-se para um apartamento na Rua Itaipava (Jardim Botânico), de onde sairia em 1999 para o apartamento em que vive até hoje, no Alto Leblon.

1997 – Depois de *Estação Derradeira e Piano na Mangueira* (com Tom Jobim), inspira-se mais uma vez em sua escola de coração para compor o samba exaltação *Chão de Esmeraldas*, em parceria com o poeta Hermínio Bello de Carvalho. O samba é lançado no CD *Chico Buarque de Mangueira* (BMG Brasil), que antecipava o enredo da escola no carnaval do ano seguinte, trazendo, no repertório, clássicos de compositores mangueirenses gravados por diversos intérpretes. Coube a Chico regravar dois sambas de Cartola (*Sala de Recepção e Divina Dama*) e *Exaltação à Mangueira* (Enéas Brites e Aloísio Costa), este último com Nelson Sargento e a Velha Guarda da Mangueira. Neste ano, torna-se avô, com o nascimento do primeiro filho de Helena com o músico Carlinhos Brown, a quem os dois dão o mesmo nome do compositor: Francisco (Buarque de Freitas).

1998 – No ano em que a Estação Primeira de Mangueira comemora seu 70º aniversário, o desfile pela Passarela do Samba se dá com *Chico Buarque da Mangueira*, enredo do carnavalesco Alexandre Louzada, em homenagem a nosso personagem, que desfilou no último carro alegórico, ao lado do nonagenário Carlos Cachaca, fundador da escola. Com um desfile emocionante, a Verde-e-Rosa conquista seu 16º título de campeã, dividido neste ano com a Beija-Flor de Nilópolis.

Também neste ano, Chico lança o CD *As Cidades* (BMG/Brasil), com as inéditas *Carioca*, *Iracema Voou*, *Sonhos Sonhos São*, *Xote de Navegação* (em parceria com Dominginhos), *Você, Você* (com Guinga), *Cecília* (com Luiz Cláudio Ramos) e o samba *Injuriado*, gravado em dueto com a irmã Cristina Buarque.

2001 – Para o musical *Cambaio*, de João Falcão e Adriana Falcão, compõe oito canções em parceria com Edu Lobo: *Cambaio*, *Cantiga de Acordar*, *A Moça do Sonho*, *Lábia*, *Noite de Verão*, *Ode aos Ratos*, *Uma Canção Inédita* e *Veneta*. Já para o filme *O Xangô de Baker Street*, de Miguel Maria Jr., faz o lundu *Forrobodó*, também em parceria com Edu Lobo.

2002 – Sai o filme *Lara*, de Ana Maria Magalhães, que lança a canção *Fora de Hora*, parceria de Chico e Dori Caymmi.

2003 – Lança o romance *Budapeste*, pela editora Companhia das Letras, conquistando seu segundo Jabuti e o Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura. Com direção de Walter Carvalho, é adaptado para o cinema em 2009.

2005 – A gravadora EMI lança uma série de DVDs intitulada *Chico*, com 12 volumes temáticos que entremeiam números musicais, entrevistas inéditas e entrevistas recuperadas de diversos especiais de fim de ano gravados para a TV Bandeirantes, com direção de Roberto de Oliveira.

2006 – Sai o CD *Carioca*, seu primeiro na gravadora Biscoito Fino. Nele estão as primeiras gravações do choro-canção *Subúrbios*, a valsa *Outros Sonhos* e as canções *Porque Era Ela Porque Era Eu*, *As Atrizes*, *Ela Faz Cinema*, *Sempre* e *Bolero Blues* (em parceria com Jorge Helder).

2009 – Lança o romance *Leite Derramado* (Companhia das Letras), vencedor dos prêmios Jabuti e Portugal Telecom.

2010 – Em 4 de maio, morre, aos 100 anos, Maria Amélia Alvim Buarque de Holanda, no apartamento em que morava, no bairro de Copacabana.

2011 – Em 1º de janeiro, sua irmã Ana de Hollanda é empossada ministra da Cultura no governo Dilma Rousseff. No fim do ano, lança, pela Biscoito Fino, o CD *Chico*, com apenas uma regravação entre as dez músicas do repertório.

* Pedro Paulo Malta é músico, jornalista e pesquisador de música popular brasileira. Foi consultor da série *Pequenos Notáveis*, produzida pela MultiRio, que mostra a vida e a obra de grandes compositores brasileiros a fim de inspirar crianças de 9 a 14 anos a descobrir suas aptidões.